



Wander Melo Miranda

## Memória de papel

Depositário de objetos e documentos de variada natureza que testemunham sobre alguns dos mais importantes autores contemporâneos de Minas Gerais, o Acervo de Escritores Mineiros oferece espaço ao historiador e ao pesquisador literário para um trabalho interdisciplinar propício à reinvenção da memória.

> Uma parábola de Murilo Rubião, guardada numa pasta que tem como etiqueta “Anotações antigas para contos improváveis”, diz muito do trabalho do escritor e do pesquisador de seu acervo. O texto chama-se “Documento”.

Levou a vida inteira decifrando um documento. Palavra por palavra. Cinquenta anos em cima do documento. Um dia, alguém lhe diz: – Sabes que levaste a vida toda em cima deste papel, que estás velho e morrerás dentro em pouco. O ancião olha o rosto no espelho, acaricia os cabelos brancos. Pega no documento, sacode-o, e volta a decifrá-lo.

Esse e vários outros “documentos” fazem parte do Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais ([www.ufmg.br/aem](http://www.ufmg.br/aem)). Os acervos nele guardados são fruto da generosidade de familiares e amigos que doaram livros, manuscritos, fotos, quadros, mobiliário e objetos pessoais de Henriqueta Lisboa, Murilo Rubião, Oswaldo França Júnior, Cyro dos Anjos, Abgar Renault, Octavio Dias Leite, Wander Piroli, Fernando Sabino. Há ainda coleções especiais de Aníbal Machado, Alexandre Eulalio, José Oswaldo de Araújo, Valmiki Vilela Guimarães, Genevieve Naylor, Ana Hatherly e José Maria Caçado. São cerca de 30 mil livros e 27 mil documentos.

Os acervos estão alocados no Centro de Estudos Literários (CEL), órgão complementar da Faculdade de Letras da UFMG, desde dezembro de 2007, tendo funcionado inicialmente como núcleo de pesquisa a partir de agosto de 1989. O objetivo do CEL consiste na captação, organização, preservação e pesquisa de acervos literários, disponibilizando-os para consulta e estudos de pesquisadores e da comunidade em geral. Visa ainda a promover pesquisas de literatura brasileira e de outras literaturas, segundo perspectivas de ordem cultural e interdisciplinar, bem como desenvolver e

divulgar técnicas de investigação para o aprimoramento de estudos no campo cultural, artístico e literário.

Situado no *Campus* Pampulha, no 3º andar da Biblioteca Central da UFMG, e ocupando uma área de 900m<sup>2</sup>, o espaço do Acervo de Escritores Mineiros foi concebido a partir de uma perspectiva museológica e cenográfica, recriando o ambiente de trabalho dos escritores. Inaugurado em 16 de dezembro de 2003, é um local permanente de exposição, construído com o apoio do Fundo CT-Infra/Finep. Destacam-se, no Acervo, obras raras do período do modernismo brasileiro, valiosas coleções de periódicos, de manuscritos e fotografias. Além do espaço reservado para exposição dos acervos, há uma área para o trabalho dos pesquisadores e bolsistas, com sala de reunião e infraestrutura operacional. Sistema de iluminação, ventilação e segurança, dentro de padrões técnicos apropriados, garante a conservação e preservação dos acervos. O Acervo de Escritores Mineiros presta atendimento a visitantes e pesquisadores e recepciona órgãos oficiais, culturais e de imprensa, permitindo consultas no local, com acesso ao banco de dados da UFMG.

Os pesquisadores que integram o projeto – docentes e alunos – têm atuado no campo do trabalho arquivístico e da crítica genética, publicando textos acadêmicos sobre o tema da pesquisa, coordenando edições críticas, participando de congressos e seminários no país e no exterior, como forma de contribuir para o avanço dos estudos na área e de consolidar a memória literária no Brasil. Além da repercussão no meio universitário, a pesquisa tem obtido ampla acolhida nos meios de comunicação (jornal, rádio e televisão), o que comprova sua abrangência cultural e o reconhecimento da sua importância pela sociedade.

O espaço de guarda e exposição do material, além de atender em excelentes condições

pesquisadores de várias partes do Brasil e do exterior, funciona como um museu vivo da literatura, aberto ao público, especialmente alunos dos ensinos fundamental e médio, que, por meio de visitas guiadas, podem entrar diretamente em contato com o ambiente de trabalho dos escritores e com o processo da escrita literária.

A especificidade do projeto, ao tratar de autores mineiros, pauta-se pela abordagem de questões locais e nacionais, cujo raio de alcance, no entanto, expande-se ao se articular com projetos similares, de nível internacional. É o caso da Coleção Archives, da Allca/Unesco, voltada para a publicação de edições críticas de obras representativas da literatura latino-americana e que, atualmente, tem entre seus colaboradores vários membros do projeto Acervo de Escritores Mineiros.

O apoio constante do CNPq e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e o aporte financeiro da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) acrescentaram à generosidade dos doadores a confiança institucional necessária para levar adiante um trabalho dessa natureza. A tarefa de organizar e preservar para as gerações futuras um patrimônio valioso para a memória do país, no momento em que a informática vem substituir manuscritos literários e outros tipos de documento em papel, reforça a necessidade de desenvolver, em todo o país, projetos similares.

### Fundos do Acervo

Uma breve descrição dos diversos fundos que compõem o Acervo de Escritores Mineiros serve de amostra da sua importância.

*Fundo Henriqueta Lisboa* (1901-1985). Doador pela família em 1988, compreende biblioteca, arquivo,

pinacoteca e mobiliário, compondo-se ainda de manuscritos, fotografias e documentos diversos, tais como correspondência, originais, primeiras edições, “marginália”, além de vasta documentação sobre a crítica literária brasileira dos últimos 50 anos. São 4.637 livros e 3.101 periódicos, além de 4.205 documentos. Destaque-se o conjunto de 45 cartas, cartões e telegramas de Mário de Andrade para a escritora, no período de 1939 a 1945, resultado de uma fraterna amizade, como revela, ainda, a gravura em metal *Mulher de braços erguidos* (1945), de Portinari, que traz no verso a dedicatória “A minha querida amiga Henriqueta Lisboa, esta lembrança do seu dia na rua Lopes Chaves/Mário de Andrade/S. Paulo, 11/II/45”.

*Fundo Murilo Rubião* (1916-1991). Doador pela família em 1991, o acervo compõe-se de biblioteca, pinacoteca, mobiliário do século XVIII e arquivo, contendo originais de suas obras, vasta correspondência com escritores nacionais e estrangeiros, documentação de ordem pessoal e profissional, fotografias, além de material relativo às inúmeras funções públicas desempenhadas pelo intelectual e escritor. Em números, são 3.446 livros, 310 periódicos e 9.600 documentos. Relevante, além da biblioteca e de textos inéditos, é a coleção completa do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, do qual Murilo Rubião foi fundador e diretor.

*Fundo Oswaldo França Júnior* (1936-1989). Doador pela família em 1992, o acervo compõe-se de biblioteca, pinacoteca, mobiliário, arquivo, originais, objetos pessoais, documentos audiovisuais (filmes, vídeos, pôsteres), correspondência, fotografias, além de registros de sua vida profissional e literária. São 2.355 livros, 119 periódicos, 3.100 documentos, dentre eles o manuscrito de um romance inédito. Como ex-oficial da Aeronáutica, cassado pelo golpe militar de 1964, no arquivo do autor de *Jorge, um brasileiro* (1967), encontra-se toda a documentação referente à cassação.



Retrato de Gustavo Capanema (Pitangui, MG, 1900 – Rio de Janeiro, RJ, 1985) com dedicatória a Abgar Renault (Barbacena, MG, 1901 – Rio de Janeiro, RJ, 1995). Fotografia de Elpidio. Belo Horizonte, 1938. Reprodução: Foca Lisboa. Arquivo Centro de Estudos Literários/UFMG.



Fotografia de desenho com retrato de Mário de Andrade (São Paulo, SP, 1893-1945) oferecido a Henriqueta Lisboa dois dias antes da morte do escritor por infarto. São Paulo, SP, 1945. Reprodução: Foca Lisboa. Arquivo Centro de Estudos Literários/UFMG.



Capa de *El amanuense Belmiro*, tradução mexicana de 1954 do romance de Cyro dos Anjos. México, Editora Tezontle. Reprodução: Foca Lisboa. Arquivo Centro de Estudos Literários/UFMG.



Retrato de Carlos Drummond de Andrade (Itaboraí, MG, 1902 – Rio de Janeiro, RJ, 1987). Fotografia de Genevieve Naylor. Rio de Janeiro, 1941. Reprodução: Foca Lisboa. Arquivo Centro de Estudos Literários/UFMG.

*Fundo Abgar Renault* (1901-1995). Doado pela família em 1999, o acervo é constituído por documentos manuscritos e datilografados (correspondência, originais de poesia, discursos, notas etc.), recortes de jornais, iconografia, mobiliário, produção literária, numismática. São 5.976 livros, 1.800 periódicos, 3.010 documentos. Cabe destacar, como exemplo, as primeiras edições autografadas de poetas como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, além de uma valiosa shakespeariana, uma vez que Abgar Renault era um renomado especialista em literatura

inglesa, tendo recebido, por essa razão, uma comenda da rainha Elizabeth II, que faz parte do acervo.

*Fundo Cyro dos Anjos* (1906-1994). Doado pela família em 2000, o acervo consta de coleção bibliográfica, catálogos, correspondência, iconografia, mobiliário, objetos pessoais, produção intelectual do titular, recortes de jornais, além do fardão e do solidéu do escritor usados por ocasião da sua posse como membro da Academia Brasileira de Letras. São 2.117 livros e 2.623 documentos. Valiosa é a correspondência entre Carlos Drummond

de Andrade e o autor de *O amanuense Belmiro*, em fase de organização para publicação.

*Fundo Octavio Dias Leite* (1914-1970). Doado pela família em 2006, compõe-se de biblioteca, mobiliário, arquivo, objetos pessoais, fotografias, documentação de ordem pessoal e profissional. Como membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), conviveu com vários escritores e artistas, tendo em seu acervo valiosos livros autografados, destacando-se títulos hoje raros da editora Civilização Brasileira, à época sob a direção de Ênio Silveira.

*Fundo Wander Piroli* (1931-2006). Doado pela família em 2006, contém objetos pessoais, mobiliário, fotografias, 1.766 livros, 2.126 cartas de amigos, intelectuais e artistas.

#### Coleções

Além dos fundos de escritores, o Acervo contém coleções especiais, formadas por conjuntos de livros, cartas, fotografias, manuscritos, que, embora não constituam um fundo completo, enriquecem o Acervo,

por se tratar de uma fonte valiosa para estudos de literatura, história e política.

*Coleção Valmiki Villela Guimarães* (1934) – composta pela correspondência do militante político e escritor Octavio Dias Leite com amigos escritores, dentre eles Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Lúcio Cardoso e Georges Bernanos. Dessa coleção, constam ainda 56 livros e 11 periódicos, como a coleção completa da revista *Complemento*, da qual foi colaborador o escritor Silviano Santiago. Doada pelo seu titular em 1995.

*Coleção Alexandre Eulalio* (1932-1988) – composta pela correspondência entre o escritor e a poeta e crítica de arte Lélia Coelho Frota, doada por ela em 1995, num total de 25 documentos, compreendendo o período em que o renomado ensaísta esteve na Europa pela primeira vez, de maio de 1958 a março de 1959. Dessa coleção, constam ainda fotografias e cartões-postais. É a única coleção completa de cartas pessoais de Alexandre Eulalio de acesso público à pesquisa, nas quais já se encontram delineados os interesses e traços principais característicos dos textos posteriores do escritor.

*Coleção Aníbal Machado* (1894-1964) – composta por 300 documentos, entre manuscritos, fotografias, livros autografados, cartas, documentos pessoais e originais avulsos, e de correspondência entre amigos escritores, entre eles João Cabral de Melo Neto, Monteiro Lobato, Murilo Mendes, Cândido Portinari e Henriqueta Lisboa. Foi doada em 1996 pelo neto do escritor, Francisco Aníbal Machado Gontijo.

*Coleção Ana Hatherly* (1929) – composta pela correspondência com amigos escritores, Affonso Ávila, Rui Mourão e Murilo Rubião, dentre outros, num total de 35 cartas. A correspondência trata de considerações sobre o panorama literário mineiro, envio de poemas,

opiniões sobre o *Suplemento Literário do Minas Gerais* e sua repercussão em Portugal. Doada pela escritora em 1995.

*Coleção José Oswaldo de Araújo* (1887-1975) – composta por 56 livros raros, entre eles: *Ingenuidade*, de Emílio Moura, *Memórias sentimentais de João Miramar*, com dedicatória de Oswald de Andrade, *Amar, verbo intransitivo*, *Idílio*, de Mário de Andrade, e periódicos como a *Revista Brasileira*, de 1899, com destaque para o artigo sobre *Páginas recolhidas*, de Machado de Assis; *Revista do Brasil*, de 1921, com o artigo intitulado “Lúcia, ou a menina do narizinho arrebitado”, de Monteiro Lobato, e a *Revista do Brasil*, de 1919, com o artigo intitulado “As classes conservadoras”, de Rui Barbosa. Doada em 1999 pelo seu neto, Ângelo Oswaldo de Araújo Santos.

*Coleção Genevieve Naylor* (1915-1989) – conjunto de 81 fotos que retratam o olhar da fotógrafa norte-americana sobre o cotidiano brasileiro nos anos 1940. Focaliza o caráter multirracial da população do Brasil e capta em imagens carregadas de uma extraordinária percepção as imensas contradições do país, contrariando os desejos da ditadura de Getúlio Vargas e as expectativas do Office of Inter-American Affairs, para o qual estava a serviço. A coleção foi adquirida pela UFMG.

Recentemente foram doados o Fundo Fernando Sabino (1923-2004) e as coleções Acquiles Vivacqua (1900-1942), José Maria Cançado (1952-2006) e Lúcia Machado de Almeida (1910-2005), em fase de organização e catalogação.

### Perspectiva interdisciplinar

O trabalho com esse material tem demonstrado que todo ato de preservação de patrimônio cultural

relaciona-se à capacidade de mobilização regional e nacional de recursos intelectuais, técnicos e financeiros com vistas ao bem comum. Para tanto, requer-se a elaboração de uma metodologia adequada à pesquisa em fontes primárias, a organização de dados levantados em áreas de interesse específico de trabalhos futuros e em andamento, bem como a análise – a rigor interminável – do material pesquisado. A consolidação de uma memória literária no Brasil depende de uma perspectiva interdisciplinar de estudo da atuação de certos grupos de escritores e da determinação do papel desempenhado por eles na formação de vertentes diferenciadas da tradição cultural, levando-se em conta seu maior ou menor grau de intervenção na produção literária da atualidade.

Essa perspectiva reveste o trabalho com os acervos de uma premente atualidade que se expressa, ainda, pelo agenciamento de significações suplementares, capazes de estabelecer intervenções pontuais e atividades interpretativas singulares no âmbito do material à disposição do pesquisador. Se atribuir sentido a um “texto” é conectá-lo a outro, é construir um *hipertexto*, o sentido será sempre móvel, em virtude do caráter variável do hipertexto de cada interpretante – o que importa é a rede de relações estabelecida pela interpretação. Daí a justificativa maior do trabalho em grupo, da pesquisa integrada, pois a função mais relevante do grupo é a de reunir os textos, comentários e anotações, fazendo-os proliferar e alargando suas potencialidades de sentido.

Ao modelo privilegiado pelas atuais memórias eletrônicas, o da *clavis universalis*, suscetível de exprimir toda e qualquer linguagem, o trabalho arquivístico assim concebido propõe uma perspectiva de elaboração da diferença cultural, capaz de dar conta, de maneira mais eficaz, tanto dos movimentos gerais de atribuição de sentido quanto dos que se constituem no âmbito das particularidades

intransferíveis. Sirva de emblema da interlocução postulada o trabalho com o manuscrito de escritores: o manuscrito é dado de arquivo, permanece arquivado, porque sem valor-notícia ou valor-novidade no sistema contemporâneo de troca de informações, no qual o acúmulo tem valor mais forte do que o acumulado. Inserir o manuscrito nesse circuito é instaurar a “lentidão” do tempo histórico da escrita no tempo real da mídia, abrindo novas redes de conexões e novos horizontes de leitura.

É emblemático dessa situação o caso de Proust. Para melhor ressaltar a tessitura da obra literária e o ilimitado da reminiscência, Walter Benjamin refere-se às provas da *Recherche*, que Proust devolveu ao editor Gallimard sem nenhuma correção gráfica, embora escritas até a margem, os espaços em branco totalmente preenchidos por um novo texto. Resgatar tal procedimento, hoje, diante dos volumes publicados de Proust, ou de qualquer outro escritor, é restituir ao texto sua gestualidade perdida de escritura, sua dinâmica de transformações, acréscimos, subtrações e apropriações. É como se numa ampla rede discursiva cada variante fosse um ponto de inúmeras conexões, um rizoma cuja visibilidade o texto final não deixa entrever.

O ato de recuperação mnemônica efetuado desloca a noção de texto como produto acabado ou integridade absoluta para a de escrita, entendida enquanto memória espacializada, cujos contornos são fruto não de um sentido pleno ou de uma versão definitiva, mas de um *jogo de intensidades*, marcado pela força de significação que cada elemento vai adquirindo no conjunto significativo que é o texto concluído e, nesse sentido, nunca terminado. Assim, a gênese textual deriva de articulações e construções lógicas que vão se fazendo *après-coup*, da perspectiva de uma temporalidade não linear, antievolucionista, expressa por uma mnemotécnica capaz de se traduzir sob a forma de uma organização arquivística.



capacidade de gerar informações incompletas, pela natureza especial de sua configuração.

Na pesquisa com acervos de escritores, disseminada em larga escala nos últimos anos no Brasil e em outros países, reaparece, na forma de esboços, traços e rasuras textuais – não em abstrato, mas na materialidade do seu processo –, a noção de que a literatura é um trabalho sem fim com a linguagem. Em razão disso, emerge uma prática analítica voltada para o estudo das fontes primárias, que revelam um olhar revitalizador sobre a escrita literária: o “manuscrito será o futuro do texto”, assim se expressa Jean-Louis Lebrave, um dos notáveis representantes da crítica textual e genética francesas. Tal prática, paradoxalmente, ganha prestígio no momento em que começa a perdê-lo: na atualidade, com o computador, os rascunhos desaparecem, ao serem apagados pela eficiência de uma tecla que deleta o que se apresenta como pré-texto descartável para a obra final.

Como parte integrante desse tipo de pesquisa, ressalte-se que a carta é um espaço textual privilegiado, pois, sendo por definição destinada a outra pessoa, dá lugar também ao exercício do missivista: pelo gesto mesmo da escrita, a carta age sobre aquele que a envia, bem como age, pela leitura e releitura, sobre aquele que a recebe. Escrever é mostrar-se, fazer-se ver e fazer aparecer a própria face diante do outro. É, ao mesmo tempo, um olhar que se lança ao destinatário e uma maneira de se dar ao seu olhar. A reciprocidade estabelecida pela correspondência implica uma “introspecção”, entendida como uma abertura que o emissor oferece ao outro para que ele o enxergue na intimidade.

Enquanto maneira de o missivista apresentar-se a seu correspondente no desenrolar da vida cotidiana, a carta atesta não a importância de uma atividade, mas a qualidade de um modo de ser. Para Sêneca, fazer a revista da sua jornada é fazer um exame de

consciência, realizar um exercício mental ligado à memorização e no qual quem escreve, ao constituir-se como “inspetor de si mesmo”, torna-se apto a aferir as faltas comuns e a reativar as regras de comportamento que é preciso sempre ter em mente. Parece que é na relação epistolar, tal como concebida pelo filósofo, que o exame de consciência se formula como uma narrativa *escrita* do eu, intencionada a fazer coincidir o olhar do outro e o olhar que se lança a si mesmo, no momento em que as relações cotidianas de amizade são medidas por uma técnica de vida.

### Duas faces

A organização, a descrição e o estudo da correspondência de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Cyro dos Anjos (1906-1994) permitem apreender elementos significativos referentes à gênese e à recepção crítica da obra dos dois escritores, bem como aqueles relativos à atuação que tiveram como intelectuais no cenário cultural e político brasileiro do século XX. São ao todo 176 cartas, telegramas, radiogramas e cartões dos dois escritores, referentes ao período de 1930 a 1986, incluindo quatro poemas dedicados pelo poeta ao amigo. A correspondência de Drummond pertence ao Acervo de Escritores Mineiros da UFMG; a de Cyro dos Anjos, ao acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Em carta do Rio de Janeiro, de 4 de agosto de 1936, Drummond dá bem uma ideia da *técnica de vida* que a troca de cartas com o amigo expressa:

Suas notícias circunstanciadas da gente mineira vieram satisfazer aquela minha necessidade de ternura que lhe falei na carta anterior. Obrigado, e mande outras. Quero cultivar em mim essa inclinação para o que antigamente eu consideraria uma matéria torpe e em que,

afinal, parece que se resolverá a minha vida: uma adesão imediata à superfície sensível das coisas e das criaturas. É verdade que isso custa um pouco o que aquele “demonismo” que Você, amavelmente, observou em mim faz às vezes as suas sortidas imprevistas; mas ainda esse “demonismo” é talvez sede de ternura mal aplacada ou desviada do seu leito. Você sorrirá, quem sabe, dessa ternura alarmante, que não se fartou ainda depois de tantos objetos propostos à sua fruição, ou que, pelo menos, ainda não se considerou realizada. Mas considere que o nosso maior comércio é ainda com os homens, e que estes na sua quase unanimidade nos desapontam ou nos ofendem; daí o *deficit* sentimental que, em mim, se tenha manifestado em amargura e perversidade intelectual. Mas, repito, a velha Itabira vai fazendo a sua obra...

O tom abertamente confessional que reveste a escrita torna a carta um espelho que se confunde com um processo de desvendamento contínuo do sujeito cuja imagem vai se formando e deformando ao longo do tempo. Os eventos de natureza íntima – o cotidiano familiar, mas também a melancolia, a depressão, os desejos frustrados – superpõem-se aos fatos advindos das circunstâncias profissionais e políticas – as intrigas da vida literária, os meandros do *favor* no emprego público, as regras duras do jogo político, ao qual assistem como coadjuvantes ativos. Eventos e fatos compõem um quadro cuja figura que aí se desenha tem seus traços projetados para um *mais além* do tempo e do espaço da mera existência pessoal. “Que grande colecionador de tempo me tornei!”, exclama Drummond ao agradecer os cumprimentos do amigo pelo aniversário de 63 anos, em carta de 1º de dezembro de 1965.

Ao longo das décadas que passam, a datação das cartas vai resguardando e, simultaneamente, assinalando o que não volta mais: as amigas da

“Idade de Ouro” (carta de 1º de junho de 1938) ou, mais intensamente, a ausência/presença do pai e da mãe, na belíssima carta de 20 de fevereiro de 1954. Vale a pena a citação de um longo trecho:

Tenho andado numa roda viva de trabalho, e isso explica a relativa escassez de cartas. Além disso, na semana passada fui a Minas cumprir um desejo de minha Mãe, que desejaria ter seus despojos reunidos ao de meu Pai, no cemitério de B. Horizonte. Assisti em Itabira à exumação dos ossos, e ajudei a levá-los até ao Bonfim, onde agora repousam junto aos do velho. Se lhe disser que não fiquei arrasado pela cerimônia, V. talvez se surpreenda; mas é que, nas duas horas e tanto que durou aquela pesquisa e recolhimento de pobres ossos, me visitava o pensamento consolador de que nada mais, nem alma nem corpo, restava de minha Mãe, e ela era pura saudade dentro de mim e de algumas pessoas. Talvez este pensamento não se concilie bem com o que me ocorreu depois, no Bonfim, ao encaixarmos a urna no jazigo: já então, parecia-me que se celebrava uma última boda, dos restos dos restos de um com os restos dos restos de outra, e essa aproximação final dos despojos excluía toda tristeza e constituía uma vitória sobre as limitações do tempo, da natureza e da morte. Tudo isso, é claro, sentido mais do que pensado, e isento de literatura. Não creio que me tivesse deixado penetrar por essas imaginações para não sofrer; o que suponho é que assimilei já de tal modo a morte de meus pais que é como se eles estivessem vivos a meu lado – e realmente estão, pela frequência e intensidade com que os sinto, como algo de incorporado a mim mesmo, ou melhor, a que eu próprio os haja incorporado.

Essa incorporação talvez explique o tom melancólico das cartas dos dois escritores, ambos funcionários

públicos. É como se o missivista apresentasse ao amigo um repertório de perdas pessoais a que a situação política do país – objeto de comentários constantes – agregasse um inevitável beco sem saída histórico e social para o intelectual e o artista que a imagem do escritor traduz fortemente nos anos de 1930 a 1950. Da mesma forma, as referências à literatura, a par do tom irônico com que são feitas, acirram um sentimento de amargura, que resvala para o embate intelectual, a exemplo da carta de 4 de agosto de 1936, já citada.

Ainda não pedi notícias do seu romance, que me interessa muito. É da maior necessidade que Você o conclua e publique, contribuindo para que se retifique o conceito atual do romance entre nós. A mim não me satisfaz nem a transcrição imediata e anticrítica de aspectos de uma vida regional, como fazem os rapazes do norte (entre parênteses: como escrevem mal!), nem essa literatura “restaurada em Cristo” com que nos aporrinham os pequeninos gênios marca Lucio Cardoso. Tudo isso é literariamente bem insignificante e, acredito, não resistirá ao tempo. Mas é preciso ir marcando as diferenças e trabalhando numa direção nova, de que aparentemente não há igual no quadro literário brasileiro do momento. Tenho muita esperança no “Amanuense” e o exorto, civicamente, a pô-lo na rua.

O apelo cívico ao amigo visa abrir um outro caminho para a ficção brasileira, mas também uma forma *nova* de participação e esperança. A incitação para que Cyro termine logo o *Amanuense* (1937) e, posteriormente, a alegria ao receber o exemplar de *Abdias* (1945) expressam um ponto de fuga às inquietações existenciais e literárias do poeta-missivista e aos constrangimentos políticos a que os escritores estão submetidos. A linguagem sintetiza, mais do que um empenho político, em rigor fadado ao desolamento e à decepção, um *empenho ético* com o tempo. Na carta de 11 de novembro de 1945, declara:

“De resto, o que mais em interessou em ‘Abdias’ foi a escrita em si, pois ando preocupado com esse problema, e despreocupado de quaisquer ‘mensagens’ ou sentidos que a obra possa ter”. Em outro momento, discorda de Cyro em relação aos poemas do amigo Emílio Moura, em carta de 17 de novembro de 1986:

Li seu artigo sobre o vate Emilio e teria muita coisa a dizer sobre ele. Mas... um dia conversaremos. Estou convencido de que o poeta não pode se alhear do espetáculo do mundo e que também ele tem uma missão social a cumprir no momento – É a grande objeção que faço ao livro do Emilio: estar fora do tempo.

Apesar da distância de vários anos de uma carta a outra, a contradição do poeta, ora apelando para a autonomia da arte, ora para seu compromisso histórico, ressignifica *a posteriori* as atividades de sua geração e da geração *modernista*, em última instância. Percebe-se um desconforto que não cessa de incomodar e a cuja estridência Mário de Andrade dera forma na célebre conferência *O movimento modernista*, proferida em 30 de abril de 1942 na biblioteca do Ministério de Relações Exteriores, no Rio de Janeiro. Após passar em revista o movimento, o escritor volta-se para sua atuação – “O meu passado não é mais meu companheiro. Eu desconfio do meu passado” – e dela extrai a generalização que conclui a aguda reflexão realizada: “Uma coisa não ajudamos verdadeiramente, dum coisa não participamos: o amilhoramento político-social do homem”.

A “missão social a cumprir” em Drummond assume, por alguns meses em 1945, a forma da militância político-partidária, ao aceitar o convite de Luís Carlos Prestes para ser codiretor da *Tribuna Popular*. É também o ano de publicação de *A rosa do povo*, livro mais empenhado do poeta. Na única carta a Cyro dos Anjos em 1945, os acontecimentos políticos relativos

à renúncia de Vargas e ao fim do Estado Novo levam o poeta à conclusão que reafirma a aludida contradição: “Nascemos todos incapazes para a política, mas fadados a sofrer no lombo suas transformações”.

Dessa forma, as cartas vão superpondo traços de um ao do outro, compondo um largo painel intimista, valha o paradoxo, da vida literária e política brasileira de um período crucial do século XX. As subjetividades em confronto no decorrer dos anos abrem novas perspectivas de avaliação do trabalho intelectual, tendo como selo de garantia a maneira muito especial como amizades e livros se escrevem.

As pesquisas no Acervo de Escritores Mineiros propiciam a reinvenção da memória literária, que se vê revestida no presente da função cada vez mais inadiável de pensar, de maneira local, vias de acesso a uma possível cultura nacional brasileira em tempos globais. Memória frágil e resistente como a escrita de Murilo Rubião citada no início deste texto.



Desenho de Henriqueta Lisboa (Lambari, MG, 1903 – Belo Horizonte, MG, 1985). Sem local e data. Reprodução: Foca Lisboa. Arquivo Centro de Estudos Literários/UFMG.

**Wander Melo Miranda** é professor titular de Teoria da Literatura na UFMG e coordenador do projeto de pesquisa Acervo de Escritores Mineiros.